



SOBE & DESCE

Bruno Proença

bruno.proenca@economico.pt



Mais regulação nos combustíveis

É reconhecido que há uma incapacidade de regulação no sector dos combustíveis. Faltam meios à Autoridade da Concorrência para fazer um acompanhamento regular e próximo deste mercado. Por isso, o secretário de Estado da Energia, Artur Trindade, está a resolver esta lacuna quando anuncia um novo regulador vertical para este mercado.

➔ P4



Mais mulheres no comando das empresas

Luís Palha da Silva, presidente da Associação das Cotadas, defende mais mulheres nas administrações das empresas e suscitou este debate. De facto, Portugal é dos países onde ainda há muitos bloqueios à progressão das mulheres nas diferentes carreiras. Porém, mais do que debater o assunto, é altura de actuar e de ter medidas concretas.

➔ P36



Palha da Silva quer mais mulheres no ‘board’ das empresas nacionais

Igualdade Presidente da Associação das Cotadas pretende que o código de Corporate Governance do IPCG tenha uma recomendação sobre equilíbrio entre géneros.

Tiago Freire e Rui Barroso
tiago.freire@economico.pt

Apesar de todos os estudos e todos os relatórios sobre o fenómeno, as mulheres continuam a estar claramente subrepresentadas nas administrações das maiores empresas portuguesas. Tal fenómeno levou Luís Palha da Silva, presidente da AEM (Associação de Empresas de Emitentes de Valores Cotados em Mercado) a suscitar o debate dentro da associação, até porque o panorama, apesar de conhecido, tem até piorado.

A AEM, que tem como membros a esmagadora maioria das cotadas nacionais e empresas como a CGD e o grupo Amorim, solicitou ao Instituto Português de Corporate Governance que este faça uma alteração no seu código de boas práticas, de forma a acomodar uma recomendação específica sobre igualdade de género. Palha da Silva defende, em declarações ao Diário Económico, que “a questão da diversidade de género deve ser solucionada através da adopção de medidas de auto-regulação, assentes em princípios de mérito individual e sempre na exclusiva competência dos accionistas das empresas”. O presidente da Direcção da AEM acrescenta que “o bom governo das sociedades deve ser, por natureza e definição, intrinsecamente meritocrático”, e que “esta proposta da associação mostra bem o empenho das empresas cotadas relativamente a este tema”.

O dossier das mulheres nas administrações tem sido acompanhado de perto por Palha da Silva, que promoveu com os associados da AEM uma discussão sobre o tema. Após essa sensibilização, surge esta proposta ao IPCG, para que possa ser vertida no seu código de boas práticas.

A verdade é que, estando nas mãos das cotadas fazer algo, isso não tem acontecido.

De acordo com o último relatório da Comissão Europeia sobre a igualdade de género, da iniciativa da Comissária Viviane Reding, Portugal sai muito mal na fotografia. Nos 27 países da

“

A questão da diversidade de género deve ser solucionada através da adopção de medidas de auto-regulação.

Luís Palha da Silva
Presidente da AEM

União Europeia, a média de mulheres na administração das maiores empresas cotadas é de 16,6%. Em Portugal, a média é de menos de metade, de 7,1%. E, atrás de Portugal só surge Malta, com um peso médio de 2,8%. No caso português, a representação até subiu 1,6% desde 2010, mas desceu num período de análise mais curto, de 2012 para 2013, fazendo Portugal parte de um pequeno grupo de sete países nos quais houve um decréscimo, neste período.

Também o Governo português tem feito recomendações no mesmo sentido, de maior presença feminina nas administrações. Em 2012 foi feito um inquérito, a empresas cotadas e a empresas do sector empresarial do Estado. Nas estatais, as mulheres representavam 21,8% dos conselhos de administração e 10,8% dos respectivos presidentes. ■

Paula Nunes



Palha da Silva tem liderado directamente este tema no seio da AEM.